

José-Augusto França

O essencial sobre

JOSÉ MALHOA

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA

# 1

## FORMAÇÃO SUA

Nascido em lar modesto na Travessa de São Sebastião das Caldas da Rainha, em 28 de Abril de 1855, José Vital Branco Malhoa foi mandado para Lisboa aos 8 anos, a viver junto de um irmão muito mais velho, empregado de comércio. Frequentou então a Escola Académica, a São Roque, e foi aprendiz de entalhador na oficina de Leandro Braga, mestre considerado, que o aconselhou a matricular-se na Academia de Belas-Artes, em cursos de desenho, nocturnos, antes de passar a estudos de pintura de paisagem e de modelo vivo. Com aproveitamento medíocre ao princípio, Vítor Bastos considerou-o depois «com muita distinção e bastante talento», e Tomás da Anunciação «com aproveitamento», ou «muito aproveitamento», mas «só sofrível» em «regular aplicação», na opinião de Miguel Ângelo Lupi,

até 1874, vendo-se então recusado em concursos para bolsa de estudos em Paris.

Não se afigurava proveitoso o destino artístico ao jovem Malhoa, que dele preferiu desistir, empregando-se junto do irmão Joaquim, em loja já dele, na Rua Nova do Almada, com comércio de confecções de senhoras e meninas, nesta Baixa de boa burguesia. Nisso passou ele meia dúzia de anos, com um casamento em 1880, e, nos tempos livres do emprego, alguma prática artística que o levou a acamaradar com os novos pintores do Grupo do Leão que, desde 1881, se reuniam numa cervejaria da Rua do Príncipe, ao Rossio, num convívio de esperanças que em volta do novo mestre de pintura de paisagem da Academia se definiram. Com Silva Porto expuseram eles pela primeira vez «Quadros Modernos» em Dezembro desse ano, com sucesso de curiosidade. Malhoa enviara já então a uma exposição colectiva em Madrid um dos quadros ali expostos, *A Seara Invadida*, que merecera elogios (como uma medalha de bronze compensara o envio de sete quadros que, no ano anterior, apresentara no salão habitual da Sociedade Promotora de Belas-Artes) — e dessa obra animalista se falava em Lisboa, a ponto de uma freguesa da loja Malhoa, senhora de boa sociedade lisboeta cujo

nome a pequena história registou, Margiochi, queixando-se de um trabalho de chapéus ali realizado, ironizar sobre a pintura do jovem empregado, que melhor fora que... O comentário da dama magoou o pintor, que ali se deu razão para abandonar o comércio e à pintura somente se dedicar. E foi o Grupo do Leão, com sete quadros para o seu primeiro salão, e mais vinte e um no ano seguinte, vinte e dois em 1883, e assim sucessivamente, numa carreira que se afirmava, reconhecida já pela crítica dos jornais, a partir de Ramalho Ortigão — que terá sido o primeiro a dar-se conta do seu talento, em Junho de 1880.

Entretanto foram os centenários de Camões e de Pombal, com seus festejos em que Malhoa não teve colaboração, e Columbano, que a tivera, partira com bolsa para Paris — mas não consta que se tivessem conhecido, até ao regresso deste em 1883, já então sentados à mesa do Grupo do Leão. Lá se sentava também Rafael Bordalo que começara a publicar o seu *António Maria* que, sem dúvida e como todos os lisboetas, Malhoa folheava; não, porém, quase com certeza o *Portugal Contemporâneo* que Oliveira Martins editara em 1881, e que, leitura de Columbano, a não seria de Malhoa...

## ÍNDICE

1 — Formação sua .....	3
2 — Costumes nossos .....	12
3 — História de todos .....	50
4 — Fama e proveito de Malhoa .....	78
Ilustrações .....	105
Bibliografia em volume .....	107
Bibliografia do autor sobre J. M. ....	109
Museus com obras de José Malhoa .....	110